

## ELEIÇÕES NA FACED: UMA AVALIAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL

Prof. Ozir Tesser

A avaliação do processo eleitoral é importante para aprofundar as questões então levantadas, tirar as lições, sobretudo no que se refere ao saldo positivo, a fim de dar continuidade ao processo educativo embutido nas relações de poder e saber na Universidade.

É importante salientar que o processo de democratização da Universidade é um fator indispensável para a melhoria da qualidade do saber produzido e transmitido.

A FACED, no conjunto da UFC destacou-se pela determinação de conduzir a escolha de seus dirigentes segundo regras democráticas, em que pesem certos aspectos do processo eleitoral que refletem a política circundante extremamente autoritária e excludente. O provável confronto com as decisões da administração superior e que no contexto atual poderia ter negado ou prejudicado a experiência da FACED foi contornado através de uma solução conciliatória.

Quais as lições a tirar deste embate político?

1. O primeiro saldo positivo nos parece ser o de ter comprovado que a forma paritária das eleições na Universidade é correta. Mais uma vez se comprovou que os argumentos que buscam, de forma corporativista, ressaltar a predominância "natural" do corpo docente, devendo portanto, quantitativamente ser melhor representado na disputa

eleitoral peca por vários vícios de raciocínio: primeiramente encara apenas o elemento numérico; omite que a única categoria que pode apresentar candidatos é o corpo docente; omite que, pelas atuais características da instituição universitária é o corpo docente que detém o quase absoluto monopólio do poder. Este poder atravessa a sala de aula, presumindo-se que sua capacidade de persuasão é largamente superior a do corpo discente e seu poder de barganha grandemente mais poderoso do que o da categoria dos servidores técnico-administrativos. A forma partidária é seguramente, senão a forma ideal, a solução mais justa e mais equilibrada atualmente para a universidade.

2. A decisão histórica tirada por unanimidade nas assembleias de professores, funcionários e estudantes e, posteriormente, no Conselho Departamental - de regulamentar a plenária da Faculdade para garantir sua representatividade e sua legalidade, foi uma conquista do processo eleitoral. Esta luta que vem sendo travada há alguns anos na Faculdade encontrou nesse processo eleitoral as condições propícias para arrastar o convencimento unânime de que não mais se poderia adiar sua instalação e o seu funcionamento e lutar, em seguida, por seu reconhecimento pelos colegiados superiores. Há algum tempo atrás, as forças vitoriosas na presente eleição têm resistido a regulamentação desta plenária, a partir dos mais variados pretextos.
3. Uma lição que o processo eleitoral nos legou consiste em ter-nos melhor permitido a compreensão e a denúncia da ideologia burocrática que, subrepticamente, se infiltra na administração da Universidade inicialmente, e, em seguida, nas práticas de alguns setores, principalmente docentes, no afã de conservar e de participar do poder e de sua auto-reprodução. Tende a conside-

rar a administração como um quarto segmento da universidade. Tem como base o equívoco de que o poder administrativo teria sua origem fundante na própria função e não na delegação de poder que recebe da comunidade. Esta ideologia cumpre combatê-la. Ela se caracteriza, entre outros traços, pelo uso alternado ora, do populismo, através de assembleias cujas atribuições e representação têm-se resistido a definir, ora do legalismo, servindo-se do regimento obsoleto para descaracterizar a legitimidade das decisões plenárias; isto tudo ao sabor das conveniências do momento.

4. Outra lição consistiu na presença ainda pálida mas, já com bom começo, da disputa ao redor de questões teóricas. Delineou-se, por ocasião da disputa eleitoral, o confronto das tendências teóricas, metodológicas e políticas que coexistem na Faculdade. De um lado uma tendência pautada por concepções de tipo positivista e funcionalista com nítidas conotações legalistas permeadas por uma visão idealista. De outro lado, outro grupo que, embora ainda marcado teoricamente por concepções pedagógicas, busca romper as limitações a que a fragmentação do saber universitário as tem confinado e se define como em busca de um horizonte teórico dialético, cujos contornos se encontram ainda mal definidos. Dentro deste último grupo configurou-se um núcleo minoritário que tem procurado com mais rigor definir suas exigências teóricas, metodológicas e políticas e cuja atuação tem recebido frequentemente críticas infundadas e por vezes, malévolas. Em que pese ainda a fragilidade dos debates acadêmicos, este último sub-grupo identificado com as candidaturas não vitoriosas estima necessário o confronto acadêmico no respeito a diversidade. É também de sua convicção que as questões teóricas apenas afloradas nos slogans da campanha podem ser apro-

fundadas. Pareceu-nos que teoricamente a luta contra o ecletismo poderia fazer avançar as posições com contornos teóricos ainda confusos e que se prestam ao frágil rigor no campo teórico-metodológico. Este ecletismo apresenta alguns traços característicos: "1. a desconfiança com os "sistemas", que seriam camisas-de-força do espírito; 2. a crença de que a "verdade" poderia ser o resultado de um mosaico montado a partir de inúmeros pensadores, o que, além de livrar-nos dos perigos dos sistemas, nos permitiria um enriquecimento indefinido, aproveitando-se de cada sistema "o melhor" (...) 3. finalmente a crença tipicamente narcisista e imatura de que, assim agindo, estaríamos dando mostras de "espírito aberto", "esclarecido", não-dogmático(...).1.

5. Outra lição da campanha eleitoral, embora não suficientemente explorada, mas que se materializou na votação paritária dos três segmentos, consiste na convicção que nos habita de que, historicamente, os que trabalham, os que produzem levam em si a capacidade e o direito de dirigir os seus destinos, embora possam momentaneamente ser expropriados deste poder pelas classes dominantes e pela burocracia que as representa.

Esta experiência que se afirma mesmo que lentamente na história dos povos vai ganhando terreno nos embates da luta pelo poder na sociedade e nas instituições e pouco a pouco tenderá a permeiar todo o tecido da vida social. Os que fazem a Faculdade - professores, funcionários e alunos - devem poder dirigi-la e administrá-la, encontrando para isto formas, processos e instituições não somente para a escolha de seus dirigentes, mas também para o exercício do poder, democrático.

6. Por fim, uma avaliação dos resultados da eleição leva a considerar quem ganhou e quem perdeu na

disputa. Inicialmente deve-se levar uma apreciação positiva do processo. Quem ganhou foi a Faculdade como um todo, pela vontade coletiva de cumprir um processo decidido majoritariamente. Em relação aos vencedores, curiosamente os resultados confirmam quase como um reflexo o quanto a instituição é tributária das concepções que vigoram na sociedade circundante. A aliança objetiva do primeiro grupo, acima descrito com a parcela majoritária do segundo grupo configura praticamente uma vitória liberal conservadora a exemplo do que ocorre na situação política nacional. Ainda que, a nosso ver, a linha de demarcação não possa ser definida em termos de indivíduos, mas antes como tendências no bojo das quais as pessoas se alocam subjetiva ou objetivamente com matizes os mais diversos.

Os resultados poderiam ser diferentes?

Acreditamos que sim. Mas para que isto possa ocorrer nos próximos embates, é preciso que juntos tiremos as lições que a história nos proporciona. Poder-se-ia perguntar por que foi lançada uma outra chapa? Porque estamos convencidos que nossa proposta continua sendo mais sólida e mais coerente com os princípios defendidos implícita e explicitamente nesta avaliação e com a prática das candidatas. Não é indiferente observar que as candidaturas de Rose e Mercedes, ainda que minoritárias em seus resultados obtiveram o apoio de setores politicamente avançados entre alunos, funcionários e professores.

Para terminar é preciso ressaltar que com esta avaliação pretendemos apenas expor nosso ponto de vista na vontade de clarear e compreender a história da Faculdade que neste período buscamos ajudar a construir. Temos a convicção de que uma avaliação neste momento é em parte precária no sentido de que cabe à história feita e aquela a se fazer de confirmar ou não suas análises.

(1) GOMES, R. O mito da imparcialidade: o ecletismo. Crítica à Razão Tupiniqui, 4ª ed., São Paulo, Cortez Ed., p. 36.